

ARTIGO

*Cultura Material e Fontes Escritas: uma breve discussão sobre a utilização de diferentes categorias documentais em um estudo sobre as práticas cotidianas dos romanos de origem pobre**

Renata Senna Garraffoni
Doutoranda em História -UNICAMP

Introdução

Nos anos de 1960 Michel Foucault publica alguns trabalhos que teriam repercussões diversas na historiografia. As mudanças que se estabeleceram no saber histórico após a *Arqueologia do Saber*¹ ou a *Ordem do discurso*² não podem ser ignoradas. Pensar o conhecimento como algo móvel e construído a partir de práticas e escolhas do historiador, ou seja, como discursos que podem e devem ser questionados e desconstruídos para libertar diferentes sujeitos presos em modelos interpretativos estáticos, foi uma crítica apurada de como o fazer do historiador acabava restringindo as diversas possibilidades humanas a algumas verdades universais. Estas novas idéias causaram impacto pois era, na verdade, um questionamento das bases epistemológicas de produção da narrativa histórica e, por isso, nas palavras de Veyne, Foucault acabou revolucionando a História³.

* Este artigo é resultado das primeiras reflexões teóricas que estão sendo desenvolvidas na pesquisa de doutorado, na área de Estudos Clássicos, orientada pelo Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari e financiada pela Fapesp.

¹ Foucault, M., *Arqueologia do saber*, Forense Universitária, R.J., 1997.

² Foucault, M., *A ordem do discurso*, Edições Loyola, S.P., 1996.

³ Veyne, P., “Foucault revoluciona a História”, in: *Como se escreve a História*, ed. UNB, Brasília, 4ª edição, 1998, pp.239-285.

A partir dos desconcertos provocados pelas críticas a pressupostos até então tão arraigados na historiografia como a objetividade, a busca pelo real, pela essência de sujeitos universais, enfim, pela necessidade de se ordenar o passado somente por meio de classes sociais e seus conflitos sócio-econômicos⁴, abriu-se um debate que visava uma revisão de conceitos utilizados como naturais, isto é, implícito a esta discussão estava a urgência de se rever categorias de análise e repensar a metodologia de trabalho. Este movimento, que se iniciava meados da década de 60, passou a ser conhecido como pós-modernismo.

Patrick Joyce no artigo “The return of History: postmodernism and the politics of academic History in Britain”⁵, recentemente publicado, afirma que não é possível generalizar o termo pós-modernismo, pois há diferentes escolas sob este nome. No entanto, mesmo diante da possibilidade de diversas posturas, de maneira geral, elas fazem com que reflitamos sobre como vem sendo produzido o conhecimento. Assim, questionando categorias binárias e buscando a alteridade, os intelectuais ligados a este movimento prezam pela produção de novas interpretações e conceitos e criticam formas hierárquicas que aprisionam os diferentes sujeitos. Joyce deixa claro, portanto, que implícito a este pensamento há, muitas vezes, uma implicação política: a necessidade de se descentralizar estruturas e desnaturalizar conceitos para que possamos ouvir diferentes vozes⁶.

⁴ Para uma investigação mais detalhada das transformações da concepção de História após as proposições de Foucault, cf.: Rago, M., “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”, in: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, S.P., 1995, 7 (1-2), pp.67-82.

⁵ Joyce, P., “The return of History: postmodernism and the politics of academic History in Britain”, in: *Past and Present*, Oxford University Press, Londres, 1998, pp.207-235.

⁶ Embora concordemos com esta postura adotada por Joyce, vale a pena destacar que muitas questões ligadas ao pós-modernismo tem causado debates e polêmicas no Brasil. Para um exemplo desta discussão cf. artigo de Ciro Flamarion Cardoso publicado na Revista Diálogos de Maringá: Ciro Flamarion Cardoso, ‘Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador’, in: *Diálogos*, DHI/UEM, v. 3, n° 3, 1999, pp. 1-28. Comentários de Pedro Paulo Funari e tréplica do historiador encontram-se em seguida, pp.43-48 e 49-62 no mesmo volume.

Neste contexto, o objetivo deste ensaio é propor uma reflexão metodológica sobre a importância da utilização de diferentes tipos de fontes em um estudo sobre Antiguidade Clássica. Nas páginas que se seguem, procuraremos discutir como cultura material e fonte escrita não são excludentes entre si e podem ser uma estratégia interessante para aproximar-nos do mundo antigo, em especial na vida cotidiana de romanos de origem pobre. Neste sentido, acreditamos que Arqueologia e História trabalhadas interdisciplinarmente podem fornecer uma estratégia para repensarmos o lugar que estes romanos têm ocupado na historiografia clássica.

A cultura material como documento de diversos modos de vida

Há uma longa tradição, vinda da Europa, que considera a Arqueologia como ciência auxiliar da História. Nos Estados Unidos, como aquela é considerada parte da Antropologia, a idéia de “serva” persistiu, mas não como auxiliar da História e sim da Antropologia. De uma forma ou de outra, como muitos intelectuais afirmaram que o papel do arqueólogo consistia apenas em coletar artefatos e objetos artísticos para, posteriormente, serem analisados por historiadores ou antropólogos, a disciplina acabou, por algum tempo, reduzida ao *status* de técnica, ou seja, seu objetivo seria recolher e classificar objetos para que *a posteriori* fossem analisados por cientistas sociais.

Embora tal perspectiva ainda esteja arraigada nos meios acadêmicos, estudos mais recentes têm questionado esta postura e a Arqueologia tem se firmado como uma disciplina independente, embora intimamente ligada à História e a outras ciências sociais⁷. Devido a esta nova abordagem, o diálogo interdisciplinar tornou-se fundamental: por meio do questionamento de posturas mais tradicionais, abriu-se um espaço para o surgimento de interpretações que trouxeram outras possibilidades para se pensar o passado.

⁷ Para uma análise mais detalhada da relação entre História e Arqueologia, cf.: Funari, P.P.A., “Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano”, in: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, IFCH/Unicamp, Campinas, 1998, pp.7-34.

O artigo de Siân Jones “Historical categories and the *praxis* of identity: the interpretation of ethnicity in Historical Archaeology”⁸ expressa esta preocupação que vem, aos poucos, redefinindo o campo de trabalho dos arqueólogos. Seu principal objetivo é repensar a relação entre cultura material, objeto de estudo da Arqueologia, e fonte escrita, principal documento utilizado pelo historiador, com o intuito de perceber como estas diferentes categorias documentais podem oferecer importantes informações para se perceber o processo de construção da identidade étnica.

Logo no início do texto, Jones menciona que a falta de diálogo, presente por muito tempo entre Arqueologia e História, acabou gerando duas posturas diferentes que ainda são percebida em estudos atuais. A primeira está relacionada ao grupo de intelectuais que acredita que o relato escrito prevalece sobre a cultura material, enquanto que a segunda estabelece que estes documentos são dois tipos independentes de fontes e que, portanto, devem ser estudados separadamente.

Esta dualidade defendida por muitos pesquisadores, não seria, para Jones, incompatível. Assim, a autora propõe um outro caminho teórico no qual os dois tipos de documentos oferecem contribuições para o estudo da etnicidade e, para tanto, se alia a um grupo de arqueólogos que defende a idéia de que a cultura material, assim como a fonte escrita, deve ser compreendida como um discurso e, por isso, capaz de expressar diversas subjetividades. Neste sentido, um confronto entre os dois tipos de fontes possibilitaria a percepção tanto da complexidade que envolve os limites e a organização de grupos étnicos como a construção da identidade. Este tipo de abordagem tem, portanto, no diálogo entre diferentes tipos de documentos, a base de sua metodologia e exprime uma tentativa da autora em estudar as práticas sociais e a construção

⁸Jones, S., “Historical categories and the *praxis* of identity: the interpretation of ethnicity in Historical Archaeology”, in: *Historical Archaeology – Back from the Edge* (Funari, P.P.A. et alli – org.), Routledge, Londres/N.Y, 1999, pp.219-232

da identidade a partir de um prisma que preserve as diferenças e possibilite a crítica a modelos homogêneos de cultura⁹.

Uma postura semelhante a esta é assumida por Spencer-Wood no artigo “The formation of ethnic-American identities: Jewish communities in Boston”¹⁰. Embora não cite explicitamente a relação entre cultura material e textos como faz Jones, pois se refere as fontes escritas *en passant* quando descreve os costumes dos judeus ortodoxos, sua linha de argumento se aproxima da anterior na medida em que, sua análise, não se restringe à coleta de dados empíricos, mas busca interpretá-los a partir de um diálogo com outras teorias.

Logo nas primeiras linhas do artigo notamos esta preocupação: Spencer-Wood afirma que seus argumentos serão desenvolvidos a partir de um ponto de vista que considera as abordagens feministas. O ponto central de seu trabalho consiste, portanto, em abrir um espaço para que, por meio das questões de gênero, consiga expressar a multiplicidade e a pluralidade das relações judaicas na cidade Boston em fins do século XIX e meados do XX. Assim, sua análise da cultura material sob um prisma feminista, é, na verdade, uma crítica a visão monolítica de cultura e, ao mesmo tempo, permite que visualizemos a complexidade presente nos processos de formação da identidade social bem como sua construção a partir de negociações dinâmicas entre indivíduos, familiares, grupos sociais e comunidades.

Spencer-Wood analisa sinagogas, traçados das ruas, disposições das lojas nas comunidades e pequenos objetos utilizados cotidianamente para questionar uma idéia recorrente na qual os judeus constituiriam uma “raça homogênea”. Neste sentido,

⁹ De acordo com suas próprias palavras: “*whilst there is a place for analysis of, for instance, long-term social and economic processes, there is also considerable scope for an archaeology of the social praxis of identities. In order to do this, it will be necessary to abandon the search for homogeneous, bounded ethnic groups and focus on the ways in which particular styles of material culture may have been involved in the active expression of ethnicity in different contexts.*” – Jones, S., “Historical categories and the praxis of identity: the interpretation of ethnicity in Historical Archaeology”, op. cit., p.230.

¹⁰ Spencer-Wood, S.M., “The formation of ethnic-American identities: Jewish communities in Boston”, in: *Historical Archaeology – Back from the Edge* (Funari, P.P.A. et alli – org.), Routledge, Londres/N.Y., 1999, pp.284-307.

encontramos, implícita a esta postura, uma busca pelas diferenças e uma crítica aos argumentos que explicam a presença de diferentes objetos como sendo parte de um processo de aculturação. A todo momento a autora fala em *relação* entre norte-americanos e judeus europeus e não em sobreposição de culturas. A base de seu pressuposto é, portanto, diferente das teorias mais tradicionais que estabelecem uma relação direta entre objeto e cultura: para Spencer-Wood, o fato de se encontrar objetos não judeus em uma comunidade judaica não implica em um processo de aculturação, mas a possibilidade de trocas que viriam transformar tanto os imigrantes como os norte-americanos. A partir desta perspectiva, os objetos não servem somente para classificar culturas diferentes, mas podem expressar diferentes relações, dependendo do contexto em que foram encontrados¹¹.

Além de questionar conceitos e concepções homogeneizadoras, de abrir possibilidades para pensarmos as relações sociais e a construção de diferentes tipos de identidades na sua complexidade, de trazer à tona sujeitos invisíveis em documentos escritos, o estudo da cultura material pode proporcionar outras contribuições em diversos aspectos ligados a vida cotidiana do passado.

T. Williamson, por exemplo, possui um artigo interessante em que elabora um estudo dos jardins ingleses do século XVIII¹². O ponto central de seu trabalho consiste em demonstrar como uma análise mais detida de jardins e parques podem expressar a relação do homem com a natureza e com o espaço urbano. Em seu argumento percebemos que para além da idéia na qual a elite usava seus jardins para impor poder, Williamson apresenta a possibilidade de diferentes tipos de relações sociais nestes espaços. Assim, por meio de estudos de transformações das paisagens, seja por iniciativa

¹¹ De acordo com suas próprias palavras: “*Beyond simply using material culture to identify social groups or subgroups, contextual material feminism constructs several levels of historical context in which individual sites analyses can yield meaningful information.*” - Spencer-Wood, S.M., “The formation of ethnic-American identities: Jewish communities in Boston”, op cit, p.289.

¹² Williamson, T., “Gardens, Legitimation and Resistance”, in: *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 3, n° 1, 1999, pp.37-52.

do dono como por vandalismo de outrem, o autor defende uma postura em que jardins e parques poderiam ser locais não só de legitimação de poder, como também de resistência.

Já Lynda Carroll¹³ e Uzi Baram¹⁴, arqueólogos norte-americanos, se deslocam mais alguns séculos e escolhem o período do Império Otomano para estudar hábitos cotidianos dos orientais. Enquanto Carroll trabalha a cerâmica otomana azul e branca produzida em Iznik, Baram seleciona as porcelanas chinesas, em especial xícaras de café, e os cachimbos para discutir sobre as mudanças sociais da época uma vez que tais artefatos estão ligados ao prazer e ao advento de novos comportamentos, pois café e tabaco passam a ser mais difundidos no Oriente Médio após o contato mais prolongado com europeus, isto é, a partir do século XV.

Embora os objetos estudados sejam diferentes e os artigos possuam suas particularidades, ambos apresentam uma postura semelhante que merece ser analisada mais cuidadosamente. Tanto Baram como Carroll elaboram uma crítica às abordagens primordialistas: questionam a idéia da existência de um Oriente único, estático, contínuo

e procuram, por meio da análise dos objetos, expor as mudanças e especificidades culturais homogeneizadas pelo olhares ocidentais. Assim, partindo de pressupostos antropológicos e da Arqueologia contextual, os dois pesquisadores analisam aspectos econômicos do Império, em especial o consumo e o comércio, mencionando a importância simbólica e artística que tais objetos teriam entre os otomanos e os tipos de relações sociais que se estabeleciam entre as pessoas que poderiam possuí-los.

Todos os trabalhos comentados até agora tratam de diversos tipos de objetos encontrados em diferentes períodos e locais: falamos da cultura judaica nos Estados Unidos do final do século passado, de jardins ingleses do século XVIII, de cachimbos e porcelanas otomanas e chinesas da época do auge do Império Otomano. Por quê,

¹³Carroll, L., "Could've been a contender: the making and breaking of 'china' in the Ottoman Empire", in: *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 3, nº 3, 1999, pp.177-190.

¹⁴Baram, U., "Clay tobacco pipes and coffee cup sherds in the Archaeology of the Middle East: artifacts of social tensions from the Ottoman past", in: *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 3, nº 3, 1999, pp.137-151.

então, foram reunidos neste ensaio? A resposta para esta questão está na perspectiva de análise utilizada por estes especialistas. Se observarmos com atenção, percebemos que todos os trabalhos são produzidos por arqueólogos que interpretam os vestígios materiais a partir de um diálogo com outras disciplinas ou possibilidades teóricas. Assim, Jones enfatiza que a relação entre texto e objeto pode proporcionar uma melhor compreensão da identidade étnica; Spencer-Wood recorre ao feminismo e as concepções de gênero para estudar comunidades judaicas de Boston; Williamson menciona pinturas e fontes literárias para justificar as possibilidades de resistências dos pobres não encontradas na cultura material e, por fim, Carroll e Baram partem de um diálogo com a Antropologia para repensar como as relações Oriente/Ocidente tem sido construídas por toda uma tradição de pesquisadores.

A interdisciplinariedade permitiu aos pesquisadores um questionamento de modelos homogeneizadores e essencialistas de cultura ainda muito recorrentes na Arqueologia em geral. Diante desta possibilidade podemos afirmar que os vestígios materiais para além de classificar culturas ou justificar a dominação de um povo sobre outro, expressam múltiplos aspectos da sociedade estudada e as complexas teias de relações estabelecidas entre os homens e os homens e a natureza.

Assim, ciente da existência desta linha de pensamento e, considerando que a cultura material pode expressar aspectos às vezes invisíveis nos documentos escritos, acreditamos que uma análise de vestígios materiais, a partir desta perspectiva contextual que enfatiza o pluralismo e a alteridade¹⁵, combinada com a metodologia de trabalho da História Cultural possa enriquecer o conhecimento sobre o passado, pois abriria novos caminhos interpretativos evitando, portanto, que permanecêssemos presos a temas presentes somente em escritos eruditos¹⁶.

¹⁵ Para uma abordagem mais precisa dos principais pressupostos teóricos da Arqueologia contextual, cf.: Funari, P.P.A., “A hermenêutica das ciências humanas – a História e a teoria e *praxis* arqueológicas”, in: *Revista da SBPH – Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, nº 10, Curitiba, 1995, pp.3-9.

¹⁶ De acordo com Funari, “a Arqueologia democratiza o passado, fornecendo aberturas para a vida diária do povo (...) e permitindo que se supere a parcialidade

Esta perspectiva de análise é, ainda, mais interessante se considerarmos que nosso objeto de estudo encontra-se na Antigüidade Clássica. Neste contexto, elaborar um diálogo entre a cultura material e textos se torna uma estratégia fértil para que possamos ter acesso à população romana de origem humilde. Embora seja uma perspectiva instigante, é pouco difundida entre os classicistas brasileiros e, por isso, seria importante comentá-la mais detalhadamente.

Cultura material e documento escrito: uma breve reflexão sobre a relação entre diferentes categorias documentais na Historiografia Clássica

Embora haja clacissistas que ainda trabalhem exclusivamente com fontes escritas em suas pesquisas historiográficas sobre o mundo antigo, atualmente, muitos estudiosos têm recorrido à cultura material como documento para diversas interpretações sobre o cotidiano romano. A metodologia empregada por estes especialistas varia muito, no entanto, Glenn Storey, em um artigo recente, após fazer um levantamento de como a relação cultura material/documento escrito tem sido pensada entre os estudiosos a cerca das questões romanas, constata que ainda é predominante a idéia de subordinação da primeira à segunda, isto é, ainda hoje há muitos historiadores e arqueólogos clássicos que utilizam artefatos para comprovar uma suposta veracidade dos textos escritos¹⁷. Diante deste quadro, Storey propõe uma revisão da teoria arqueológica romana e, para tanto, privilegia a relação entre diferentes categorias documentais.

das evidências eruditas (...). Temas 'invisíveis' na História escrita tornam-se acessíveis graças aos vestígios materiais (...), e as interações dinâmicas entre elites e não-elites, entre vernacular e estilístico, são questões comuns na Arqueologia (...).” – Funari, P.P.A., “Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano”, op. cit., p.12.

¹⁷Storey, G.R., “Archaeology and Roman Society: Integrating Textual and Archaeological data”, in: *Journal Of Archaeological Research*, vol. 7, nº 3, 1999, pp.203-248.

A principal crítica que Storey estabelece neste artigo é à tradição, mencionada a pouco, de se pensar a Arqueologia como serva da História. Esta postura, segundo o autor, ainda está muito arraigada nas interpretações dos clacissistas e provocaria uma redução das possibilidades dos artefatos como documentos, diminuindo sua capacidade de fornecer elementos para interpretar diferentes aspectos das relações entre os romanos. Neste sentido, retoma alguns pressupostos dos *Annales*, em especial a interdisciplinariedade, para organizar seus argumentos e defender a Arqueologia como uma disciplina autônoma.

Tendo estabelecido a base de sua crítica, Storey passa a desenvolver seu argumento a partir de uma revisão do debate historiográfico em diversos períodos da História de Roma. Assim, menciona os estudos da fundação de Roma, da cidade propriamente dita, do fórum e de Pompéia, procurando sempre realçar como a relação entre cultura material e documento escrito, sob uma perspectiva de subordinação da primeira à segunda, acabou por criar modelos explicativos primordialistas, difusionistas e essencialistas.

Por último, Storey discute os diferentes modelos empregados para o estudo da economia imperial romana. A escolha deste aspecto da sociedade justifica-se pela grande quantidade de artefatos encontrados para a produção e distribuição de alimentos, vinho e azeite. O autor chama atenção para o modelo interpretativo de Finley desenvolvido a partir da idéia de “cidade consumidora” proposta por Weber para criticar as idéias de Rostovtzeff e Mommsen na qual haveria aspectos da primitiva economia romana que se desenvolveriam explicando o moderno capitalismo.

O modelo da “cidade consumidora”¹⁸, na opinião de Storey, teria sido importante para questionar este paradigma e abrir a possibilidade de se compreender a economia romana por outros aspectos como, por exemplo, o político. Além destes dois modelos,

¹⁸ Para uma crítica a este modelo, cf., também, Funari, P.P.A., *A cidade e a civilização romana: um instrumento didático*, Coleção Textos Didáticos, nº 28, IFCH/Unicamp, jul.1998.

o autor também discute as perspectivas propostas por marxistas que vêem a economia romana como mundial, analisada a partir da relação centro/periferia.

A partir deste debate, Storey acaba concluindo que a organização econômica dos romanos não era, de forma alguma, primitiva, no entanto, tais modelos explicativos ainda deixam lacunas porque, muitas vezes, se baseiam em conceitos presentes na economia capitalista. Por isso, na conclusão de seu trabalho enfatiza a necessidade de se repensar a relação entre diferentes tipos de fontes: cultura material e documento escrito precisam ser dissociados e entendidos em seus contextos para evitar a criação de modelos interpretativos que acabem generalizando aspectos do mundo romano ou aplicando teorias da sociedade capitalista ao mundo antigo acriticamente¹⁹.

Esta preocupação com o contexto em que cada documentação está inserida é fundamental para que possamos perceber a complexidade da vida cotidiana romana. Embora Storey faça uma longa discussão a respeito dos modelos teóricos utilizados para explicar a economia romana, não menciona, em específico, as contribuições que o repensar da relação cultura material/texto poderia trazer para uma aproximação das diversas atividades do dia a dia dos romanos. Observemos, então, este aspecto mais detidamente.

A cultura material possui um papel importante no estudo da economia, pois é portadora de informações diferentes dos textos escritos que, em sua maioria, por serem sínteses, trazem elementos presentes em diversos lugares em épocas nem sempre

¹⁹ De acordo com suas próprias palavras: *“the large corpus of written information from a well-documented society like Rome can provide Binford’s ‘middle range theory’ and bridging arguments, or the context for Hodder’s ‘contextual archaeology’ for interpreting the archaeological record. The problem in Roman archaeology so far has been the preponderance of seeking one-to-one correspondences between text and archaeology, instead of acknowledging and working with their radically different provenances.”* - Storey, G.R., “Archaeology and Roman Society: Integrating Textual and Archaeological data”, op cit, p.222.

correspondentes. Estrabão²⁰, por exemplo, geógrafo responsável por várias descrições da organização social e econômica dos romanos e dos povos conquistados, ao elaborar seus escritos mesclava aquilo que podia observar em suas viagens com o que ouvia da tradição, o que tornou seu relato um tanto quanto impreciso. Além disso, seu estilo de escrita se inseria dentro de um discurso político preocupado em relatar a geografia física e as riquezas dos territórios dominados. Assim, seu olhar estabeleceu inúmeros juízos de valores, ressaltando a barbaridade dos povos conquistados e, muitas vezes, ignorando as técnicas e produção dos indígenas.

Neste sentido, embora Estrabão nos forneça pistas sobre a administração imperial, sobre a vida dos povos conquistados, sobre a geografia, as políticas de dominação, pouco tem a dizer sobre a organização das *villae* ou o comércio. Aqui, então, a cultura material desempenha um papel decisivo: um estudo das *villae* poderia nos fornecer dados relevantes para diversas interpretações sobre o cotidiano de seus moradores a partir dos artefatos encontrados nas ruínas das casas que restaram, sobre a utilização espacial do local e suas transformações, bem como os processos de cultivo de uvas, azeitonas, cereais e a produção de azeite, vinho e ânforas para o transporte dos produtos²¹.

²⁰ Estrabão, *The Geography of Strabo*, Loeb, Harvard University Press, Londres, 1988, vol.III.

²¹ A Anforologia, área da Arqueologia destinada ao estudo específico de ânforas, é fundamental para que possamos estudar o consumo, distribuição, armazenamento e controle de produção dos diversos produtos transportados em seu interior. Confira, por exemplo, alguns estudos de Funari e Guarinello sobre a questão:

- Funari, P.P.A., “As estratégias de exploração de recursos do vale do Guadalquivir em época romana, in: *Revista Brasileira de História*, S.P., 1986, v.6, nº 12, pp.169-186.
- Funari, P.P.A., “Uma inscrição bética inédita dos anos 90 d.C.: observações preliminares” in: *Revista do Departamento de História*, set. 1988, pp.90-101.
- Funari, P.P.A., “Anforologia – uma nova disciplina arqueológica”, in: *Revista de História*, nº 118, S.P., 1985, pp.161-170.
- Funari, P.P.A., “O comércio interprovincial e a natureza das trocas econômicas no alto Império Romano; as evidências do azeite bético na Bretanha”, texto apresentado no V Simpósio de História Antiga em Porto Alegre, 1992.

Mesmo contando com os relatos de Columella ou Plínio, nos quais encontramos mais detalhes sobre as *villae*, a análise da cultura material em seu contexto ainda é de grande valia para os estudos de História econômica de Roma, pois traz à tona sua complexidade e ressalta o fato de que a economia não está desvinculada de outros aspectos da sociedade. Além disso, abre espaço para que possamos estudar a arquitetura das *villae* e os artefatos remanescentes permitem o acesso aos homens e mulheres que por ali viveram e trabalharam.

A partir destes comentários podemos afirmar que textos escritos e a cultura material, analisados em seus contextos particulares, podem fornecer diferentes respostas as nossas questões ampliando as possibilidades de aproximação do mundo antigo. Esta possibilidade teórica não é válida somente para estudos econômicos, pode ser extremamente útil para estudarmos outros aspectos da sociedade romana, como a dinâmica das cidades e a cultura popular.

Funari e Zarankin, em um artigo recente intitulado “Abordajes arqueológicos de la vivienda doméstica en Pompeya: algunas consideraciones”²², analisam diversas abordagens sobre a arquitetura das casas pompeianas e os modelos de cidades que se construíram a partir delas. Com esta metodologia, os autores discutem as diferentes interpretações sobre as casas e apontam outras possibilidades de análise para os pesquisadores interessados nos modos de vida na Antigüidade.

Por meio deste artigo, somos introduzidos, de maneira crítica, a diversas perspectivas de análise: os autores mencionam as baseadas na História da Arte nas quais se sobressaem os aspectos estéticos das casas; discutem os modelos de clacissistas que utilizam a cultura material para ilustrar os textos escritos e, por último, apresentam os trabalhos mais recentes ligados a uma perspectiva da arqueologia pós-processual em que o artefato é interpretado como

- Guarinello, N.L., “A economia antiga e a Arqueologia rural – algumas reflexões”, in: *Clássica*, S.P., 7/8, 1994-95, pp.271-283.

²² Funari, P.P.A. et Zarankin, A., “Abordajes arqueológicos de la vivienda doméstica en Pompeya: algunas consideraciones”, manuscrito inédito a ser publicado na *Revista Eletrônica Hélide*.

um “texto” que pode ser lido, pois expressa signos próprios que comunicam mensagens ligadas as relações de poder.

As críticas elaboradas por Funari e Zarankin, ao discutir estas teorias, indicam um caminho de análise que abre um espaço para a compreensão da cidade de Pompéia como dinâmica, ativa e complexa, capaz de abrigar diferentes grupos sociais e não simplesmente a elite, como a maioria dos trabalhos citados pelos autores pressupõe. Esta preocupação de buscar, a partir da cultura material, registros da população romana de origem humilde já se encontra presente em um trabalho anterior de Funari.

Em *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*²³, Funari recorre aos grafites encontrados em diversas paredes pompeianas para criticar a visão de cultura erudita cristalizada por historiadores modernos e concebida como a “cultura romana”. Ao listar e analisar os diferentes tipos de grafites espalhados pela cidade, que poderiam ser eróticos, amorosos, satíricos, xingamentos, políticos, jogos de adivinhações, poemas, torcida por gladiadores, entre inúmeros outros, o autor chama atenção para a diversidade das manifestações populares, o que contraria os argumentos sustentados por muitos pesquisadores do mundo antigo de que só restaram indícios da cultura da elite.

Estes grafites exprimem vários pensamentos e os sentimentos de pessoas comuns; indicam sua participação política, suas brincadeiras e críticas e, por isso, são registros importantes da vida cotidiana romana. Sua existência indica a possibilidade não só de estudarmos o povo romano na sua especificidade, considerando a pluralidade e multiplicidade de suas manifestações, como também de criticarmos as interpretações enraizadas nos discursos de especialistas do mundo antigo que, ainda hoje, consideram os romanos como uma massa homogênea e sem vontade própria. Por último, podemos afirmar que esta abordagem restitui ao romano de origem pobre a capacidade de agir e ser sujeito de sua História.

Dentro desta perspectiva de repensar a relação cultura material/documento escrito e de busca por um outro caminho teórico que considere o contexto de cada tipo de fonte procuraremos, a partir

²³ Funari, P.P.A., *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*, S.P., Contexto, 1989.

de agora, nos remeter a uma problemática bem específica: como as diferentes categorias documentais vem sendo trabalhada em estudos sobre a criminalidade e o banditismo nos séculos I e II d.C., nosso objeto de estudo há alguns anos. Analisemos, então, este ponto mais detidamente.

A criminalidade se tornou um tema a ser pesquisado por historiadores depois que Hobsbawm, no final da década de 60, publicou *Bandidos*²⁴. Embora esta obra tenha sido muito criticada e revista, principalmente no que diz respeito à condição de rebelde primitivo inerente ao bandido, ela foi pioneira ao inserir os infames e criminosos entre as preocupações dos pesquisadores. O momento em que foi escrita é muito significativo, pois era um período em que a historiografia, influenciada pelo marxismo, começava a buscar outras perspectivas teóricas capazes de dar vozes aos excluídos. Estes esforços trouxeram a cena bandidos, prostitutas, pobres, escravos, libertos, entre outros, com intenção de torná-los agentes e ressaltar sua capacidade de luta e resistência frente a dominação.

As fontes utilizadas para a realização destes trabalhos eram, em grande parte, literárias, mas alguns estudos também recorreram a cultura material. No caso específico dos bandidos romanos não foi diferente: todas pesquisas a que tivemos acesso²⁵ apresentavam como

²⁴ Hobsbawm, E.J., *Bandidos*, Forense-Universitária, R.J., 1976.

²⁵ Cabe ressaltar que entre os trabalhos a que tivemos acesso encontram-se os específicos sobre o assunto e outros que se referem ao tema *en passant*. Cf.:

- Blánquez Pérez, C., “Desigualdades sociales y praxis jurídica en Apuleyo”, in: *Gerión*, 5, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1987, pp.119-131.

- Blánquez Pérez, C., *El mundo romano a través de la obra de Apuleyo – delito, delincuentes y castigo en las Metamorfosis*, tese de doutorado apresentada na Facultad de Geografía y Historia da Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1986.

- Carcopino, J., *Roma no apogeu do Império*, S.P., Cia das Letras, 1990.

- Faversani, F., *A pobreza no Satyricon de Petronio*, Editora da UFOP, Ouro Preto/M.G., 1999.

- Grimal, P., *A vida em Roma na Antiguidade*, Publicações Europa-América, Portugal, 1981.

- Hidalgo de la Vega, M.J., *Sociedad e ideologia en el Imperio Romano: Apuleyo de Madaura*, Espanha, Gráficas Ortega, 1986.

- Hooff, A. J.L. van, “Ancient robbers: reflections behind the facts”, in: *Ancient Society*, 19, Bélgica, 1998, p.114.

base para o desenvolvimento dos argumentos a literatura, como por exemplo, as comédias de Plauto, os escritos de Plutarco, as cartas de Plínio e Sêneca, os romances de Apuleio e Petronio, além da própria legislação presente no *Digesto* de Justiniano. No entanto, a presença da cultura material nestes trabalhos não pode ser menosprezada. Em quase todos os estudos encontramos referências a pinturas, grafites, pequenos objetos como vasos decorados ou lamparinas, inscrições tumulares, mosaicos, descrições da arquitetura, só para citar alguns exemplos.

Apesar de cada trabalho ter suas particularidades e seguirem caminhos teóricos específicos, no que diz respeito a relação entre cultura material e documento escrito possuem algumas características em comum: alguns procuram estabelecer um paralelo entre objetos e textos e, quando isto não é possível, descartam os artefatos; outros acabam utilizando os objetos para comprovar ou ilustrar aquilo que está dito no texto, tratando os vestígios materiais de forma passiva. Estas posturas metodológicas explicam-se pelo fato de que os trabalhos foram escritos por historiadores que centralizaram seus argumentos a partir dos textos e criam interpretações nas quais a literatura era considerada um relato fiel da sociedade romana e a Arqueologia, com seus objetos, serviria somente para comprovar o que já estava escrito²⁶.

- Shaw, B.D., “El bandido”, in: *El hombre romano*, (Andrea Giardina – org.), Alianza Editorial, Madri, 1991.

- Veyne, P., “O Império Romano”, in: Duby, G. et Ariès, P., *História da vida privada*, Cia. das Letras, 1990, vol.1, pp.19-223.

- Wallace-Hadrill, A., “Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii”, in: Cornell, T.J. e Lomas, K. (eds.) *Urban society in Roman Italy*, UCL Press, Londres, 1996, pp.39-62.

- Wiedemann, T., “Single Combat and Being Roman”, in: *Ancient Society*, 27, Bélgica, 1996.

- Wiedemann, T., *Emperors & Gladiators*, Routledge, Londres, 1995.

²⁶ Esta perspectiva teórica é a que Funari e Zarankin denominaram de “perspectiva historicista”. De acordo com os autores: “*engloba aquellas investigaciones que apoyan su argumentación em forma central en la evidencia documental. Los restos arqueológicos son adecuados a los discursos generados desde los documentos o utilizados em forma pasiva según esas premisas.*”- Funari, P.P.A. et Zarankin, A., “Abordajes arqueológicos de la vivienda doméstica en Pompeya: algunas consideraciones”, op. cit., p.6.

O artigo “El bandido” de Shaw, escrito para a coletânea *El Hombre Romano* organizada por Giardina, e o de Hooff, intitulado “Ancient robbers: reflections behind the facts”, são dois exemplos desta primeira perspectiva²⁷. Ambos partem de uma abordagem marxista para estudar a questão da criminalidade na época do Império Romano e, embora cada trabalho tenha suas especificidades, possuem uma essência semelhante: tanto Shaw quanto Hooff acreditam que, devido à existência de diversos indícios materiais ou escritos sobre os *latrones*, eles teriam uma importância social que precisa ser explicada pelo historiador. Assim, percebemos, em cada artigo, uma intenção de descobrir quem ou o que era ser um bandido na Antiguidade Clássica.

Para responder a esta inquietação, os dois pesquisadores iniciam seus artigos descrevendo grafites, inscrições e pinturas nos quais estariam registrados informações sobre a vida destes criminosos. No entanto, logo em seguida, recorrem a literatura como fonte principal por considerá-las os documentos mais precisos e completos sobre o assunto. Neste sentido, Hooff, ao estudar o bandido rural, e Shaw, ao discutir os espaços em que a criminalidade estava presente e as relações de poder implícitas as ações dos transgressores, acabam preferindo a literatura e a cultura material, citada no início, vai desaparecendo no decorrer de cada texto.

Já Wiedemann e Wallace-Hadrill²⁸, outros dois historiadores que estudaram o tema da transgressão social, exemplificariam a segunda tendência. Ambos citam vários artefatos como fontes para seus trabalhos, no entanto, suas abordagens se diferem das de Shaw e Hooff, pois as estratégias de análise que empregam não excluem a cultura material de seus discursos, pelo contrário, elas permanecem presentes em suas pesquisas do início ao fim. Analisemos, então, estes trabalhos mais detidamente.

Wiedemann publicou, recentemente, um estudo sobre a luta de gladiadores. Mas por quê um estudo sobre gladiadores poderia ajudar a compreender a questão da criminalidade? A relação entre estes homens e os bandidos é bem mais próxima do que possa parecer à primeira vista. Muitos homens que cometiam crimes

²⁷ Referência completa, cf. nota 24.

²⁸ Referências completas, cf. nota 24.

violentos eram condenados a pena de morte: se fossem cidadãos teriam a morte rápida e honrada pela espada, mas se não fossem, poderiam ser condenados à cruz, atirados as feras ou as chamas ou obrigados a lutar nas arenas.

Embora nem todos os gladiadores fossem criminosos (poderiam ser escravos, desertores do exército ou pobres sem outra alternativa de vida), comentar a obra de Wiedemann é importante na medida em que proporciona uma interpretação da sociedade romana, pois o autor parte da luta de gladiadores para entender a não só a questão de identidade como também para explicar o tratamento que seria dado aos transgressores das normas de conduta social.

Ao propor discutir o *ethos* romano a partir das lutas de gladiadores, Wiedemann apresenta uma metodologia de trabalho na qual utiliza uma grande diversidade de fontes que incluem a literatura, pinturas, esculturas, grafites, inscrições tumulares e cerâmica (em especial as lamparinas). No entanto, como seu objetivo é a elaboração de um modelo interpretativo que dê conta de um vasto período histórico de cerca de cinco séculos, acaba desconsiderando a especificidade de cada tipo de documento que analisa. Assim, embora apresente um levantamento de diversas fontes, seu argumento torna a cultura material um bloco único e homogêneo que vem a confirmar a literatura.

Considerando que a literatura foi escrita por membros da elite romana, ao utilizar os artefatos sem considerar sua materialidade para simplesmente comprovar textos, o autor acaba, muitas vezes, deixando de lado possíveis objeções às interpretações propostas e nos apresenta a sociedade romana fundamentada em traços culturais específicos desta camada da população. Dentro desta concepção, os romanos aparecem como uma continuidade do pensamento da elite, sem conflitos ou lutas internas. Deste modo, percebemos, portanto, que o modelo proposto apresenta a sociedade de maneira ordenada e as pessoas submetidas a valores homogêneos.

Wallace-Hadrill, ao escrever sobre a cidade de Pompéia, propõe uma metodologia de trabalho bastante semelhante a esta de Wiedemann. No artigo “Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii”, por exemplo, apresenta a cidade de Pompéia como se fosse organizada a partir de uma geografia moral, como a

proposta por Sêneca. Desta forma, as áreas e os monumentos carregavam, em escalas variadas, noções de virtudes e vícios. De acordo com suas próprias palavras, o objetivo deste artigo seria:

*(...) usar Pompéia para sugerir que a paisagem urbana romana era, sobretudo, marcada diferentemente, assim, para cada área positiva deveria haver uma negativa para contrapô-la.*²⁹

Neste trecho percebe-se que o autor visa interpretar a cidade pompeiana a partir de oposições binárias, isto é, virtude e vício, positivo e negativo. Seu argumento parte da constatação da inexistência de bares ou tavernas nas proximidades de prédios públicos ou templos; haveria, segundo o autor, uma determinação oficial, vinda muitas vezes de Roma, para decretar a exclusão destes estabelecimentos da vida pública e oficial.

Assim como os locais para os bares seriam determinados, haveria também um controle de tráfego. A circulação dos veículos era permitida em toda a cidade, mas em alguns lugares, a existência de pedras impediria o tráfego, limitando o acesso a determinadas regiões. De acordo com Wallace-Hadrill, tanto a localização dos bares e tavernas e o controle da movimentação de veículos exprime uma noção moral, excluindo da vida pública os *infames*³⁰.

Em todo o artigo, o autor aceita, sem uma devida contextualização, as informações provenientes dos autores antigos e apresenta uma explicação para a cidade de Pompéia na qual exclui as pessoas que vivem nos locais mais pobres e considerados amorais; elas sempre se encontram em ruas estreitas atrás dos banhos públicos e nunca próximas das ruas principais. Em seu modelo, Pompéia

²⁹Wallace-Hadrill, "Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii", op. cit., p.39.

³⁰ De acordo com suas próprias palavras: "*bordéis e bares pertenciam a mesma parte ruim do mundo, marcado pela mancha permanente dos infames, povoado pela classe baixa de atores e atrizes, prostitutas e alcoviteiros, gladiadores, embalsamadores de cadáveres e executores públicos, pessoas de 'condição abjeta' que, junto com seus filhos, eram formalmente excluídas da vida respeitável e de quaisquer privilégios legais que se relacionavam a ela.*" (Wallace-Hadrill, A., "Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii", op. cit., p.53).

estaria dividida em dois mundos diferentes, um de virtudes e outro de vícios, o que provaria a ideologia romana. Tal interpretação seria confirmada pela Arqueologia pois, a própria geografia da cidade proporcionaria esta divisão.

Tanto no caso de Wiedemann como de Wallace-Hadrill é possível notar que, apesar da utilização de uma ampla documentação que inclui cultura material e textos, a metodologia que empregam ao interpretá-las acaba empobrecendo a potencialidade das diferentes categorias documentais, pois utilizam a primeira para comprovar a segunda sem problematizar as especificidades de cada uma. Em outras palavras, a preocupação de ambos é pela busca da regularidade, da ordenação, da estabilidade, como se todos os romanos pobres e marginalizados não possuíssem vontade própria e fossem uma massa homogênea, facilmente controlada ou excluída. Assim, apesar da diversidade de fontes empregadas nas análises, as interpretações retomam as concepções tradicionais do *“pão e circo”* expressando uma tendência a silenciar o diferente e tornar o singular uno e contínuo.

Esta postura acaba transformando a cultura material em algo estático, incapaz de produzir ou expressar significados próprios. Neste sentido, mesmo que ambos tenham inovado ao tentar elaborar um estudo que apresentasse os artefatos como fontes históricas, tornaram as categorias documentais uma massa única com função de comprovar modelos teóricos pré-estabelecidos que, embora sejam coesos, bem estruturados e capazes de explicar longos períodos da História romana, são frágeis na medida em que não dão conta dos aspectos específicos de cada documento.

Diante deste quadro, acreditamos que a cultura material precisa ser tratada dentro de seu contexto para que possa fornecer pistas sobre outros aspectos do mundo romano não relatados pela literatura. Assim, pinturas, mosaicos, cerâmicas, grafites e demais vestígios materiais precisam ser analisados em suas particularidades e interpretados de maneira cuidadosa não para comprar verdades previamente estabelecidas, mas sim para que possamos produzir novas descrições da vida cotidiana de romanos pobres e transgressores.

Considerações Finais

O objetivo central deste ensaio consistia em discutir como a relação entre Arqueologia e História vem sendo trabalhada nos últimos tempos. A possibilidade de utilizar artefatos como fontes para um estudo historiográfico não é nova, mas a maneira como a relação foi estabelecida tem sido revista por especialistas. Em diversos estudos percebemos uma crítica incisiva à antiga idéia na qual a Arqueologia seria serva da História: este tipo de perspectiva é insatisfatório na medida em que reduz a cultura material a fósseis incapazes de produzir significados.

No caso da historiografia clássica em particular, este diálogo é extremamente importante, visto que os textos remanescentes tratam, quase exclusivamente, de aspectos ligados às preocupações da elite. Neste sentido, acreditamos que considerar a cultura material em seu contexto, como propôs Storey, é fundamental para que possamos conseguir outras informações a cerca do mundo antigo. Desvincular vestígios materiais da tarefa de comprovar textos é, na verdade, um caminho alternativo para repensar os modelos teóricos empregados por clacissistas durante décadas e, também, para construir novas interpretações sobre o cotidiano dos romanos de origem humilde³¹.

Assim, procuramos ressaltar, no decorrer destas páginas, a necessidade de rever o diálogo entre as diferentes categorias documentais, evitando tratá-las como reflexos da realidade ou, simplesmente, sobrepor o texto a cultura material. A metodologia proposta é, antes de tudo, interdisciplinar, pois consideramos a Arqueologia e História disciplinas autônomas, mas intimamente relacionadas. A partir desta postura, acreditamos ser possível não só questionar visões homogeneizadoras da sociedade romana como

³¹ Concordamos, também, com Funari e Zarankin, quando afirmam que: *“la materialidad de la evidencia arqueológica significa que no podemos sencillamente intentar adecuala a las informaciones de las fuentes textuales antiguas, pues así estaremos distorsionando los datos materiales, para que confirmen discursos surgidos de las fuentes escritas. Al contrario, la cultura material constituye um elemento central de acción en el mundo.”* - Funari, P.P.A. et Zarankin, A., “Abordajes arqueológicos de la vivienda doméstica en Pompeya: algunas consideraciones”, op. cit., p.9.

também abrir um espaço para as diversas manifestações de pobres e transgressores do mundo antigo. Esta perspectiva indica, portanto, uma crítica à metodologia de pesquisa empregada por muitos especialistas que, por muito tempo, silenciou as diferentes vozes dispersas entre os romanos.

Agradecimentos

Agradeço à prof.^a Dra. Margareth Rago pela indicação de leituras que foram fundamentais para esta reflexão, ao prof. Funari pela orientação, aos colegas Andres Zarankin, Fábio A. Hering, Glaydson José da Silva, Lourdes M.G.C. Feitosa e ao prof. Fábio Faversani pelo apoio e pelas colaborações nestes anos de trabalho, ainda que a responsabilidade pelas idéias aqui expostas limite-se à autora.

Bibliografia citada

- BARAM, U., “Clay tobacco pipes and coffee cup sherds in the Archaeology of the Middle East: artifacts of social tensions from the Ottoman past”, in: *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 3, nº 3, 1999, pp.137-151.
- BLÁÑQUEZ PÉREZ, C., “Desigualdades sociales y praxis jurídica en Apuleyo”, in: *Gerión*, 5, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1987, pp.119-131.
- BLÁÑQUEZ PÉREZ, C., *El mundo romano a traves de la obra de Apuleyo – delito, delincuentes y castigo en las Metamorfosis*, tese de doutorado apresentada na Facultad de Geografia y Historia da Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1986.
- CARCOPINO, J., *Roma no apogeu do Império*, S.P., Cia das Letras, 1990.
- CARDOSO, C. F., ‘Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de um historiador’”, in: *Diálogos*, DHI/UEM, v. 3, nº 3, 1999, pp. 1-28.
- CARROLL, L., “Could’ve been a contender: the making and breaking of ‘china’ in the Ottoman Empire”, in: *International*

- Journal of Historical Archaeology*, vol. 3, nº 3, 1999, pp.177-190.
- ESTRABÃO, *The Geography of Strabo*, Loeb, Harvard University Press, Londres, 1988, vol.III.
- FAVERSANI, F., *A pobreza no Satyricon de Petrônio*, Editora da UFOP, Ouro Preto/M.G., 1999.
- FOUCAULT, M., *A ordem do discurso*, Edições Loyola, S.P., 1996.
- FOUCAULT, M., *Arqueologia do saber*, Forense Universitária, R.J., 1997.
- FUNARI, P.P.A. et ZARANKIN, A., “Abordajes arqueológicos de la vivienda doméstica en Pompeya: algunas consideraciones”, manuscrito inédito a ser publicado na *Revista eletrônica Héléde*.
- FUNARI, P.P.A., “A hermenêutica das ciências humanas – a História e a teoria e *praxis* arqueológicas”, in: *Revista da SBPH – Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, nº 10, Curitiba, 1995, pp.3-9.
- FUNARI, P.P.A., “Anforologia – uma nova disciplina arqueológica”, in: *Revista de História*, nº 118, S.P., 1985, pp.161-170.
- FUNARI, P.P.A., “Arqueologia, História e Arqueologia Histórica no contexto sul-americano”, in: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, IFCH/Unicamp, Campinas, 1998, pp.7-34.
- FUNARI, P.P.A., “As estratégias de exploração de recursos do vale do Guadalquivir em época romana, in: *Revista Brasileira de História*, S.P., 1986, v.6, nº 12, pp.169-186.
- FUNARI, P.P.A., “O comércio interprovincial e a natureza das trocas econômicas no alto Império Romano; as evidências do azeite bético na Bretanha”, texto apresentado no V Simpósio de História Antiga em Porto Alegre, 1992.
- FUNARI, P.P.A., “Uma inscrição bética inédita dos anos 90 d.C.: observações preliminares” in: *Revista do Departamento de História*, set. 1988, pp.90-101.
- FUNARI, P.P.A., *A cidade e a civilização romana: um instrumento didático*, Coleção Textos Didáticos, nº 28, IFCH/Unicamp, jul.1998.
- FUNARI, P.P.A., *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*, S.P., Contexto, 1989.
- FUNARI, P.P.A., “Comentário ao texto de Ciro Flamarion Cardoso, ‘Epistemologia pós-moderna, texto e conhecimento: a visão de

- um historiador””, in: *Diálogos*, DHI/UEM, v. 3, nº 3, 1999, pp. 43-48.
- GRIMAL, P., *A vida em Roma na Antigüidade*, Publicações Europa-América, Portugal, 1981.
- GUARINELLO, N.L., “A economia antiga e a Arqueologia rural – algumas reflexões”, in: *Clássica*, S.P., 7/8, 1994-95, pp.271-283.
- HIDALGO DE LA VEGA, M.J., *Sociedad e ideologia en el Imperio Romano: Apuleyo de Madaura*, Espanha, Gráficas Ortega, 1986.
- HOBBSAWM, E.J., *Bandidos*, Forense-Universitária, R.J., 1976.
- HOOFF, A. J.L. van, “Ancient robbers: reflections behind the facts”, in: *Ancient Society*, 19, Bélgica, 1998, p.114.
- JONES, S., “Historical categories and the *praxis* of identity: the interpretation of ethnicity in Historical Archaeology”, in: *Historical Archaeology – Back from the Edge* (Funari, P.P.A. et alli – org.), Routledge, Londres/N.Y, 1999, pp.219-232.
- JOYCE, P., “The return of History: postmodernism and the politics of academic History in Britain”, in: *Past and Present*, Oxford University Press, Londres, 1998, pp.207-235.
- RAGO, M., “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”, in: *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, S.P., 1995, 7(1-2), pp.67-82.
- SHAW, B.D., “El bandido”, in: *El hombre romano*, (Andrea Giardina – org.), Alianza Editorial, Madri, 1991.
- SPENCER-WOOD, S.M., “The formation of ethnic-American identities: Jewish communities in Boston”, in: *Historical Archaeology – Back from the Edge* (Funari, P.P.A. et alli – org.), Routledge, Londres/N.Y., 1999, pp.284-307.
- STOREY, G.R., “Archaeology and Roman Society: Integrating Textual and Archaeological data”, in: *Journal Of Archaeological Research*, vol. 7, nº 3, 1999, pp.203-248.
- VEYNE, P., “Foucault revoluciona a História”, in: *Como se escreve a História*, ed. UNB, Brasília, 4ª edição, 1998, pp.239-285.
- VEYNE, P., “O Império Romano”, in: Duby,G. et Ariès,P., *História da vida privada*, Cia. das Letras, 1990, vol.1, pp.19-223.
- WALLACE-HADRILL, A., “Public honour and private shame: the urban texture of Pompeii”, in: Cornell, T.J. e Lomas, K. (eds.)

Urban society in Roman Italy, UCL Press, Londres, 1996, pp.39-62.

WIEDEMANN, T., "Single Combat and Being Roman", in: *Ancient Society*, 27, Bélgica, 1996.

WIEDEMANN, T., *Emperors & Gladiators*, Routledge, Londres, 1995.

WILIAMSON, T., "Gardens, Legitimation and Resistance", in: *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 3, nº 1, 1999, pp.37-52.

ESPAÇO PUBLICITÁRIO



<http://www.neaspoc.cjb.net>

O NEASPOC-UFOP faz pesquisas de opinião voltadas para diversas áreas de interesse:

* Institucional

* Política

* Mercado

Através de estudos e pesquisas, o NEASPOC-UFOP vem alcançando os objetivos que marcaram, em abril de 1999, sua fundação: aperfeiçoar a graduação em História da UFOP, com os recursos da metodologia quantitativa e estreitar as relações com as comunidades bem como diversas instituições públicas e privadas.

Mais recentemente, nesse ano de 2002, o NEASPOC-UFOP criou a "Escola de pesquisa" cujo objetivo é garantir para os estudantes uma formação melhor e mais abrangente em metodologias quantitativas e em trabalho de campo. Para esse fim, a Escola de Pesquisa incluirá uma série de atividades. Todo mês teremos uma programação com cursos de curta duração, palestras, oficinas. Além disso, os participantes do NEASPOC-UFOP estarão sendo financiados para fazer intercâmbio em outros centros de pesquisa, bem como para participar de cursos de formação e eventos da área.

NEASPOC-UFOP

**(Núcleo de Estudos Aplicados e Sociopolíticos Comparados,
da Universidade Federal de Ouro Preto)**

Rua do Seminário, s/n. Mariana – MG. 35.420-000 Fone: (31) 35571322, ramal 227.

E-Mail: neaspoc@ichs.ufop.br. Internet: <http://www.neaspoc.cjb.net>